

## VIEIRA E A PRESENÇA HOLANDESA NO NORDESTE BRASILEIRO

Maria José Bueno Casseb (Faculdades Integradas FAFIBE)

**Resumo:** O texto analisa alguns sermões que retratam as posições de Antônio Vieira diante da invasão holandesa no Nordeste brasileiro.

**Palavras-chave:** Vieira, sermões, nordeste, ocupação holandesa.

O texto analisa alguns sermões que retratam as posições de Antônio Vieira diante da invasão holandesa no Nordeste brasileiro, na primeira fase de sua vida (1608 – 1640 – O Religioso e o Patriótico), época rica em informações singulares de sua vida desde quando chegou ao Brasil, ingressou na Ordem dos Jesuítas e obteve os primeiros sucessos como orador, na Baía, ao questionar em púlpito a situação da região ocupada pelos holandeses e as consequências a curto e a longo prazo, assim como o perfil da Companhia de Jesus. Tais sermões retratam seu patriotismo e procura convencer o povo à resistência contra o invasor. Trata-se do bloco de sermões que Vieira teria proferido no Brasil, alguns deles pregados antes ou depois de se ordenar e outros antes de se firmar como orador, dos quais foram selecionados alguns deles.

Iniciando pelo Sermão da 4ª Dominga da Quaresma, pregado na Igreja da Conceição da Praia, antes de se ordenar sacerdote, em 1633, com tedências teológicas, morais, evangélicas e patrióticas, na presença do general de armas portuguesas e versa sobre o recolhimento do exército após a batalha e o desfile dos soldados vencedores para o povo antes de se descansarem. Refere-se também ao recolhimento *das relíquias e fragmentos dos cinco pães*, pela Igreja Militante (Companhia de Jesus).

Tece elogios ao exército da Baía comandado por um português e *advertiu que, sendo o dia do banquete, fossem proporcionadas as iguarias*. Observa que, mesmo sendo os pães tão poucos, acabaram sustentando milhares, eficiência do *Exército e Fé*, principalmente quando se trata de guerra defensiva, pode-se com poucos, resistir a muitos, mesmo com a superioridade das armas de fogo inimigas.

Como se trata de *guerras de Cristo*, vence-se antes de lutar. E os jesuítas seriam vencedores, dada a fé que traziam e as regras que cumpriam, segundo os ensinamentos de Loyola e o fato de se aconselharem com Cristo, *pois primeiro que tudo mandou o Senhor a seus doze Apóstolos, como a outros tantos sargentos maiores de batalha, que dividissem os cinco mil homens em cem esquadras, cada uma de cinqüenta*, para ficar mais fácil repartir o pão sem tumultos e o Conselho também colabora para que o homem não cometa erros e saiba agradecer as vitórias com gratidão.

No Sermão do Enterro dos Ossos dos Enforcados, pregado na Igreja da Misericórdia da Baía, 1637, moral, filosófico, político, compara a justiça do Dilúvio e a paz que o sucedeu quando o corvo e não a pomba, *saiu da arca e pôs-se a comer e cevar nos corpos afogados do dilúvio; e quando se dá carne de justificados aos corvos, segura está a paz do mundo...*

Afirma que quando as forças encontram-se desguarnecidas é pior que as fortalezas mal guardadas, insinuando que sem fé não se pode ganhar guerra alguma. Lembra o terremoto ocorrido na Ilha Terceira alguns anos atrás, o qual arruinou, subverteu e arrasou totalmente a vila, chamada da Praia; mas foi muito mais notável, pelo que deixou em pé, que pelo que derrubou. Unicamente ficaram inteiras e sem lesão

estas três partes, ou peças daquele povo: *a cadeia pública, a casa da misericórdia, e o púlpito da igreja maior, símbolos da justiça, da misericórdia e da verdade*, respectivamente. E é justamente o que falta no Ultramar.

Vieira ressalta a ausência dos três pilares ameaçam a colônia portuguesa ( para ele Estado do Brasil) e que misericórdia e verdade deveriam caminhar juntas e separadas de qualquer outro afeto, como faz a Irmandade da Misericórdia ( jesuítica), sugerindo ter sido os seus membros que deram enterro aos mortos após a batalha, uma *misericórdia tão alheia, e tão limpa de todo o interesse*, *porque os mortos não o podem agradecer e nem pagar* e não quando se faz misericórdia a eles apenas *por respeito aos vivos*.

Cita como exemplo os funerais de gente famosa, quando todos os estados se fazem representar, não por piedade, mas por pura lisonja, como nos vários enterros e exéquias das várias figuras bíblicas importantes.

No caso presente, repete, é misericórdia acompanhada da verdade por se tratar dos enforcados e que até a época de Constantino, a força era identificada com a cruz, sentença terrível para quem acaba assim, *maldito por Deus*, pena máxima para culpas máximas e que nenhum parente gostaria de herdar.

A morte na cruz ou na forca são consideradas desprezíveis por sua violência, daí cobrirem o rosto desses condenados. E essa misericórdia só Deus pode pagar.

Quanto ao Sermão da 2ª. Quarta Feira da Quaresma, proferido na Igreja da Misericórdia - Baía, 1637, teológico, filosófico, evangélico e moral, faz uma crítica aos aduladores e lisonjeadores, *gente que mente com a verdade, e afronta com a cortesia*. Eles existem desde a época das pregações de Cristo - os escribas (1) e fariseus (2), os quais pediram para mostrar o Seu poder, em vez de ouvi-Lo.

Hoje, os escribas e os fariseus dos pregadores são aqueles que *têm ouvidos de ver e não de ouvir*, preocupados que estão em ver o que ele fala, *muitas vezes são as toupeiras do lugar* e os que menos freqüentam a Casa de Deus.

Em seguida, fala dos maus tempos vividos aqui e aqueles que perderam seus bens com a guerra e da eleição de São Paulo ( embora um tanto rebelde ), para espalhar a sua palavra *a todas as gentilidades e reis do mundo*, o qual teria praticado diversos milagres *para derrubar todas as idolatrias* até a Ásia, usando *cintos e lenços*, usados nas horas de aperto e para enxugar os seus suores e ao qual não faltou paciência nas piores ocasiões.

Afirma que como seres humanos e pecadores, devem se espelhar na paciência do Cristo, pois como cristãos não se deixam persuadir e que os que governam e mandam, são os menos pacientes.

São identificados por *deuses da terra* e assim que adquirem o mínimo poder de mando *“em se vendo com uma varinha na mão, se acaso souberam que os mordeu um mosquito, ou que uma rã abriu contra eles a boca (...) já não cabem dentro de si de inchação, de ira e vingança* . Lançam-lhes as piores ameaças.

Conclui o sermão falando sobre a autoridade tripartida, sendo que a primeira vem de Cristo e é una; *em muitas, por representação, que são os que têm o mando e o governo; e em todos, por desejo e apetite* (p. 166), por herdarmos de Adão esse *desejo e apetite*, quando deveriam ser imitadores do Cristo.

Já no Sermão de Santo Antonio, pregado na Igreja de Santo Antonio - Baía, 1638, encomiástico, gratulatório e eucarístico, por ocasião do sítio levantado pelos holandeses à Baía, ocasião em que foram assentados seus quartéis e baterias em frente à Igreja.,

O pregador mostra a resistência da Baía aos holandeses por quarenta dias, tida por *cabeça* do Brasil, daí as honras que ela presta a Deus pela vitória contra o inimigo.

Queixa-se da falta que faz enviar a Portugal e Espanha as boas notícias. Ela é um exemplo da Cidade de Deus, protegida por Ele, inda mais que sua capital é Salvador, *mas salvou-a para Si que para nós, como salvou Jerusalém, por que lá estava o Monte Sião (...), o qual se chamava Civitas David* ), isto é, *Cidade de David*. E o monte da Baía é onde se encontra a resistência ao inimigo, ou seja, na Baía de Todos os Santos e *se a todos os santos pertencia a defesa dela (...)*por isso a *defendeu Santo Antonio (...)* por que sendo um só, é todos os santos, por fazer parte da hierarquia do Céu - profeta, apóstolo, milagroso, mártir, confessor, puro.

Em Jerusalém, Deus prometeu que os inimigos não entrariam na cidade; que não a atingiriam com suas setas e que não seria cercada. No caso presente, o inimigo sofreu em Maurícia, por deixá-la desguarnecida e ir à conquista de Sergipe.

Durante o cerco da Baía, Deus foi mais benevolente que em Jerusalém, pois aqui, além de não faltar víveres e estes nem encarecerem, o exército ibérico empregou a tática das trincheiras e a proteção de Santo Antonio, o que fez o inimigo enfraquecer e perder quase dois mil e oitocentos homens.

No combate dos filisteus até o deus Dágon (3) caiu por terra, *mas com a cabeça e as mãos cortadas, e lançadas à porta do templo* e a Arca do Testamento foi vencedora. No combate de hoje, o Dágon, metade homem e metade peixe, refere-se ao holandês, onde o solo é úmido por ser retalhado pelo mar, *e os homens, a quem podemos chamar marinhos e terrestres, tanto vivem em um elemento como no outro. As suas ruas por uma parte se andam, e por outra se navegam, e tanto parecem sobre os telhados os mastros e as bandeiras, como entre os mastros e as bandeiras, as torres. Sendo tão estéril a terra, que somente produz feno... não deixa de reconhecer a supremacia do comércio do povo holandês, os dágones.*

Ao descrever os horrores da batalha, também reconhece a sua organização e fúria, mas nem assim os hereges venceram.

Vieira dá a impressão que sente a falta de homenagem aos vencedores, como ocorria na Roma Antiga, *onde todos os nossos valorisíssimos capitães e soldados haviam de aparecer hoje neste monte, como no do Capitólio, coroados com três coroas, cívicas, murais e castrenses. Cívicas, por que não só defenderam um cidadão, mas uma tão numerosa e populosa cidade: murais, porque sendo tão fracas, as fachinas da nossa trincheira para se sustentar e fortalecer, fizeram dos próprios peitos muros: e castrenses, porque não só desejaram tantas vezes investir o inimigo nos seus próprios arraiais, mas o obrigaram a que ele espontaneamente no-los rendesse.*

Mas, esclarece que a Fé vem em primeiro lugar e sem ela, ninguém se salva e era o que faltava ao herege, enquanto que os católicos colocam as coroas aos *pés do Salvador, e do santo que o tem nos braços, como faziam os apóstolos*, segundo a descrição do Apocalipse de São João, IV, 10, colocaram *aos pés do Seu trono. Essas coroas eram o símbolo da vitória e esta a Deus pertencia.*

*Os que lançaram as coroas aos pés do trono de Deus, eram os Anciãos, em quem mais particularmente são significados os veteranos cabos e soldados da milícia pernambucana, cujas valorosas ações nesta guerra, assim como as admiraram os olhos dos presentes, assim serão perpétuas nas línguas da fama; e nas letras e estampas dos anais as lerá imortalmente a memória dos vindouros.* Ainda considera os que perderam a vida, mas cuja dedicação ficará marcada na memória.

A perda de Olinda foi recuperada após sete anos, o mesmo tempo que Jacob(4) serviu Raque (5), para ficar com Lia (6) e que os mouros gastaram para conquistar a Espanha

Proferido após vinte e sete dias da festa de Santa Cruz, símbolo da salvação do homem e a quem pede socorro diante da dominação holandesa, quando a Armada Real encontrava-se na Bahia, o Sermão do mesmo nome, de 1638.

Destaca a tripla nobreza de Nicodemo, a qual descendia da primeira nobreza judaica, além de ser íntimo de Deus, de juízo dócil, “para o valor”, para o conselho “e” *para o favor do Céu*, o qual procurou Cristo à noite para ser converter, enquanto que muitos que se dizem cristãos, dedicam seus dias e suas noites à luxúria.

Admite que não é necessário ser nobre para ser soldado corajoso, visto que no decorrer da história, homens de origem humilde galgaram muitos postos altos no exército devido a sua valentia. Mas, o nobre vai para a guerra com a metade da batalha ganha, pois na hora de tomarmos as decisões, as qualidades que portamos como herança genética afloram de forma instintiva. Os que ocupam altas posições no exército, deveriam se espelhar em Nicodemo (7).

Outro exemplo é o de Josué (8) quando lutou contra os Madianitas (9) e conseguiu parar o Sol, para poder ganhar a batalha. Mas, antes de tudo começar teve a visão do Anjo São Miguel que lhe prometia ajuda no combate. Portugal tem como exemplo Afonso I. (10)

Critica os capitães que se comportam como Sansão, gastando as noites em orgias e querendo vencer durante o dia. Com certeza serão esquecidos pela ajuda Divina e aquele que não teme a Deus não pode vencer.

Em se tratando da atual circunstância, muitos acreditam que o socorro aos holandeses vem da sua pátria, o que não é verdade. *Também lhe vêm de Lisboa, e vão da Baía*, pois a dificuldade de vencê-los vinha da falta de religiosidade. A arte militar falha na ausência da Fé e do temor a Ele. O próprio Salomão (11) valorizava mais o conselheiro que a quantidade de armas ou o tamanho do exército.

Em seguida se refere às virtudes da Santa Cruz para eliminar o medo, expulsar a covardia e adquirir coragem através de vários exemplos bíblicos.

A quarta qualidade é para tornar verdadeiro o nome de vencedor do povo, *Victor Populi*.

E, sendo o exército peninsular formado por *soldados de Cristo*, torna-se necessário a devoção à Santa Cruz.

Na Sé da Bahia pregou o Sermão Décimo Segundo do Rosário em 1639-40, após a derrota da Armada Real e continua discursando sobre a guerra que padece o Brasil e da tão almejada paz. E, compara a atualidade ao conturbado governo de David e o próspero governo de Salomão, o que o leva a justificar a guerra, pois é dela que nasce a paz. “Cada guerra tem uma finalidade: *vaidade, cobiça, justiça e necessidade*. *A que move a vaidade tem por fim o triunfo; a que move a cobiça, tem por fim o despojo; a que move a justiça ou é movida da necessidade, tem por fim a paz: e tal é a nossa*. Em assim a *vê justificada, racional e inocente*.

Repassa os nove anos de guerra que vem sofrendo o nordeste brasileiro como sombrios e desesperadores. *O mar infestado, os portos impedidos, as costas com perpétuos rebates de ameaças, as campanhas taladas, as lavouras abrasadas, as casas despovoadas e destruídas; as cidades e vilas arruinadas, os templos e os altares profanados, as pessoas de todo estado e condição, de todo sexo e idade desacatados, e por mil modos oprimidas: as prisões, os desterramentos, as pobreza, as fomes, as sedes, uns mortos nos bosques, outros mirrados nos desertos, fugindo dos homens para ser pasto das aves, e das feras: as mulheres e meninos inocentes entregues à fúria e voracidade dos bárbaros, e os mesmos cadáveres com horror na natureza incessantemente afrontados: as mortes desumanas a sangue-frio, as traições, as crueldades, as sevícias, os martírios, e tantos outros gêneros da herética tirania, contrários a toda a fé e direito*

*das gentes, e de nenhum modo compreendidos debaixo do nome da guerra; esta é a guerra que padecemos.*

Vieira estaria pregando a esperança no poder da Virgem do Rosário que, em 1475, apareceu ao “Frei Jacobo Sprenghero, prior do Convento dos Pregadores, e lhe mandou que logo pregasse e exortasse a todos”, a devoção do Rosário, e lhe promettesse em seu nome que, por meio dela, não só a cidade, mas toda a província ficaria livre da opressão e temor das armas inimigas”, referindo-se à cidade de Colônia (Alemanha) e foi atendido. No caso do Brasil a situação não é diferente e se orarmos à Santa do Rosário, conseguiremos os mesmos favores.

E assim, através de várias alegorias e metáforas, descreve os poderes da Virgem do Rosário; a necessidade da guerra para se trazer a paz e os vários exemplos na história, onde se apegaram a Ela e foram vitoriosos, como, por exemplo, a descrição feita por Alciato, um parnasiano, compara os frutos do Brasil, com os favos produzidos pelas abelhas da Etiópia. Mas, esclarece que se a vitória não chegar, perder-se-á a liberdade.

E, na Igreja de N. S. da Ajuda – Baía, 1640, prega o Sermão pelo Bonsucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda, político e evangélico, o qual tem sido um tanto comentado por diversos especialistas do assunto, por ser considerado uma obra prima pela eloquência, inspiração e originalidade.

Nele que Vieira deu vasão ao seu patriotismo e não se intimidou em fazer ataques a Deus e advertiu sobre o mal que cairá sobre sua cidade (a Cidade de Deus, de Santo Agostinho) e teria conseguido inflamar a fé e o nacionalismo, visto que durante quinze dias foram feitas vigílias em todas as igrejas.

Encontraram-se em jogo duas causas: a política e a evangelização, pois como poderia deixar uma obra cristã (católica) de tamanho porte em mãos de protestantes, considerados hereges.

Diante do exposto, percebe-se que não se pode concluir trabalho algum sobre Vieira se não ligarmos Homem-obra- tempo, daí considerar que Vieira criou um modelo para sua pregações inicialmente esporádicas, mas relevante para o seu tempo, tanto pela educação aprimorada, nos moldes da escolástica, como a forma cultista e conceptista na literatura, já poderia ser considerado um orador de talento; um tempo em que a oratória em púlpito fosse talvez o recurso mais eficiente da época; tempo um tanto conturbado pelo domínio espanhol em Portugal e este com seu império ameaçado, como por exemplo a invasão do Nordeste brasileiro pelos flamengos, considerados hereges, por terem abraçado a religião protestante.

Vieira espelhou-se desde o início na epopéia guerreira dos hebreus, poderia estar ligada à própria causa jesuítica - a de militar em prol da cristianização dos nativos, via sistema colonial.

Embora essa fase foi considerada de tendências patrióticas, por João Lúcio de Azevedo, biógrafo mais credenciado por não ser jesuíta e por produzir um obra mais contemporânea, percebe-se a presença de fortes conteúdos morais, teológicos, sociais, evangélicos, filosóficos e políticos, dado o contexto das guerras de ocupação holandesa no ultramar brasileiro.

Além de dar mostras conhecer ainda a arte militar, incentiva de várias formas o povo a lutar, por ter consciência do que poderia representar a perda do Nordeste em termos econômicos e cuja defesa deixava muito a desejar.

---

Abreviatura:

DEB - Dicionário Enciclopédico Bíblico.

## BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, João Lúcio de. História de Antônio Vieira. 3ed.Lisboa: Clássica, 1992 2 vs.
- CASSEB, Mria José Bueno. Os Sermões de Vieira: ensaio temático a análise crítico-analítica. (dissertação de mestrado, Unesp, Câmpus de Franca, 1999).
- VAN DEN BORN, A (org). Dicionário Enclopédico da Bíblia. 5ed.Petrópolis: Vozes, 1992.
- VIEIRA, Padre Antônio. Sermões. Lisboa: Lello&Irmão, 1946. T II;IV,VII;XI;XIV .

## NOTAS

- 1- Escribas se refere aos doutores da lei e seu título de honra é rabi. Depois que o profetismo se extinguiu em Israel, os doutos começaram a interpretar a Sagrada Escritura. Com o tempo tornaram-se os chefes espirituais do povo ao lado dos sacerdotes e penetraram no Sinédrio. Jesus criticou sua casuística teológico-jurídica e a sua conduta hipócrita.(DEB p.389)
- 2- O termo fariseu refere-se ao partido religioso que, no judaísmo estudava profundamente a lei mosaica e as tradições dos antepassados e propunha uma rígida observância da sua interpretação. (DEB, p.557).
- 3- No AT, Dágon é o deus dos filisteus com célebre templo, incendiado por Jônas.349
- 4- Trata-se de um dos patriarcas dos hebreus. (nota pessoal)
- 5- De acordo com a genealogia bíblica, era filha de Labão e primeira esposa de Jacob. (DEB, p.888)
- 6- Raquel era igualmente filha de Labão e a esposa preferida de Jacob.
- 7- Trata-se de um nome helenístico, embora fosse fariseu e magistrado. Teria ocupado o Sinédrio e conforme o Ev. de S. João teria reconhecido, defendido e colaborado no sepultamento de Jesus.
- 8- Chefiou os israelitas na conquista de Canaã, após substituir Moisés na condução de seu povo à Palestina. Para maiores esclarecimentos, recomenda-se o Dicionário Enciclopédico Bíblia. (DEB,p.833-836).
- 9- Coligação de tribos árabes que vários estudiosos reconhecem como habitantes de Mádiã e que praticavam incursões nas vizinhas terras cultivadas ou trabalhavam como condutores de caravanas em direção ao Egito, mesmo antes de Moisés, o qual teria se casado com a filha de um de seus sacerdotes. Quanto à grande vitória sobre esse povo é obra de Gedeão e não de Josué. (DEB p.921)
- 10- Quanto a Afonso I, sabe-se que governou entre 1128 a 1185 e se distinguiu em várias ações militares na península, sobretudo as cruzadistas, contra os almorávidas. Teria se destacado na Batalha de Ourique, dada a "miraculosa" aparição de Cristo crucificado e das divinas palavras de incitamento e resolução de se colocar as cinco chagas na bandeira de Portugal. (nota pessoal)
- 11- Vieira menciona muito a Virgem do Rosário em seus sermões. A ela dedicou uma série de trinta sermões pelas graças alcançadas em momentos difíceis de sua vida e tudo indica que essa tradição tenha sido trazida pelos jesuítas ao Brasil. (nota pessoal)